



GT 017. Antropologia das Relações Humano-Animal

Andréa Barbosa, Osório Sarandy (UFF) -
Coordenador/a, Flávio Leonel Abreu da Silveira
(UFPA) - Coordenador/a

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal real?; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tráfico, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislativas, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

ONTOLOGIAS E SERES DA NATUREZA: as existências ameríndias e suas políticas

Autoria: Antonio Augusto Oliveira Goncalves

Neste texto, pretendo seguir algumas linhas de reflexão suscitadas pelo giro ontológico na antropologia. A questão que move o presente work é: o foco dessa vertente no processo de produção de seres, cosmologias, afecções, em cindir dualismos e buscar outros mundos possíveis? (VIVEIROS DE CASTRO, 2008b), se mostra pouco preocupada com os ímpetus, sejam políticos, econômicos e as relações de poder, que constroem esta viagem rumo ao pensamento ameríndio? Em termos gerais, a antropologia ontológica problematiza os princípios ou coordenadas básicas nos modos de conceber o mundo e as relações entre os viventes, sejam eles humanos ou não. A premissa da multiplicidade faz com que a ideia de que há um único mundo com distintas representações sobre ele seja substituída pela existência de múltiplos mundos, cindidos por diferenças radicais. Com isto, defende-se a alternativa de que existem outras realidades que nós não acessamos por conta dos nossos quadros conceituais (TOLA, 2016). Não é por acaso que Holbraad (2014) defina o giro enquanto uma intervenção metodológica, porquanto é apenas através da etnografia que nós podemos acessar a esta diferença radical e simultaneamente deturpar as nossas categorias, revendo os limites do nosso aparato conceitual em aprender com ela. Além de suspender e redefinir certos conceitos, como a de mundo, crença, representação e identidade, os/as principais expoentes desse campo tendem a questionar os divisores modernos e as oposições binárias do Ocidente e talvez seja, justamente, esta posição teórica fulcral que permita aproximar linhas de pensamento de autores/as tão distintos/as tais como Roy Wagner, Marilyn Strathern, Bruno Latour, Eduardo Viveiros de Castro e Tim Ingold. Ao longo deste work, almejo focar nos textos de ontologistas no âmbito nacional, proponho assim rever algumas ideias de Mauro Almeida (2013), e, além disso, não posso me furtar de perquirir os escritos daquele que é considerado um/a dos/as precursores/as do giro ontológico no Brasil, Viveiros de Castro (2006; 2008a; 2008b; 2015). Entretanto, antes de embrenhar-me nas matas ameríndias ou suspeitar da presença de ?Caipora? no Alto Juruá, farei uma breve visita a Madagascar, na qual pretendo refletir sobre a teoria do contrapoder imaginário de David Graeber (2011). Independente da proximidade e/ou distância de Graeber em relação aos/as ontologistas no Brasil, buscar esta saída pela tangente serve para calibrar a minha pergunta no início deste



resumo: será que a aposta ontológica nas multiplicidades necessariamente despolitiza? Os dados etnográficos e as categorias de cada um destes autores provavelmente devem deslocar a minha indagação para diferentes matizes políticos.

[Trabalho completo](#)



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**